

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

DÉBORA COIMBRA SILVA

**BANKSY COPYRIGHT:**

OBRAS DO ARTISTA E QUESTÕES DE MERCADO DA ARTE

BRASÍLIA

2021

DÉBORA COIMBRA SILVA

**BANKSY COPYRIGHT:**

OBRAS DO ARTISTA E QUESTÕES DE MERCADO DA ARTE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
como requisito para obtenção de título de Bacharel  
em Teoria, Crítica e História da Arte pela  
Universidade de Brasília – UnB.

Orientadora: Ana Avelar

BRASÍLIA

2021

*“I'd been painting rats for three yeas before someone said 'that's clever it's a  
anagram for art' and I had to pretend I'd know that all along”*

***Banksy em Wall and Piece***

## RESUMO

O trabalho de conclusão de curso tem base analítica a respeito de obras do artista Banksy e são relacionadas a algumas questões sobre mercado da arte. A abordagem é focada em três obras feitas pelo artista: A Garota com Balão, Sphinx e Banca de Banksy em Nova York, sendo essa última uma performance. Apresentamos análises feitas a partir de obras selecionadas, personalidade do artista associadas ao conhecimento sobre o mercado da arte e afins.

**Palavras-chave:** Banksy; Leilão; Mercado da arte

## **ABSTRACT**

The course conclusion work is analytically based on works by the artist Banksy and are related to some questions about the art market. The approach is focused on three works made by the artist: The Girl with Balloon, Sphinx and Banksy Banks in New York, the latter being a performance. We present analyzes made from selected works, the artist's personality associated with knowledge about the art market and the alike.

**Key-words:** Banksy; Auction; Art market

## LISTAS DE FIGURAS

|  |    |
|--|----|
| Figura 1 – frame do filme Saída pela Loja.....             | 11 |
| Figura 2 – frame do documentário Banksy Does New York..... | 15 |
| Figura 3 – Sphinx .....                                    | 21 |
| Figura 4 – Quadro picotado na Sotheby's .....              | 26 |
| Figura 5 – Girl With Ballon – 2006.....                    | 31 |
| Figura 6 – Instagram de Banksy – 5 de outubro de 2018..... | 32 |
| Figura 7 – Copyright.....                                  | 33 |

## SUMÁRIO

|                               |    |
|-------------------------------|----|
| Introdução .....              | 8  |
| 1. BANKSY .....               | 11 |
| 2. A BANCA DE BANKSY .....    | 15 |
| 3. SPHINX .....               | 21 |
| 4. GOING, GOING, GONE .....   | 26 |
| 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS ..... | 33 |
| Referências .....             | 41 |

## Introdução

Como uma obra de arte é vendida por milhões de dólares? É um questionamento que inúmeras pessoas se fazem quando visualizam uma notícia de que determinado quadro foi arrematado por um astronômico valor financeiro em um leilão. A resposta para essa pergunta nunca foi simples. É preciso entender não apenas o funcionamento da operação por trás dos leilões, como também é necessário compreender esse processo.

O mercado da arte é complexo. Presente no meio artístico há séculos, ele acompanhou a história e as mudanças da sociedade, conseguindo se manter ativo. Galerias, leilões, museus, comércio, esquinas. A arte pode ser comercializada de diversas maneiras e em todos os aspectos há debates no meio artístico. Por mais que tenhamos uma base de estudos acerca do tema, não se tem total transparência sobre esse mercado.

No âmbito acadêmico pouco se fala sobre o assunto na perspectiva de realidade profissional para o futuro, mesmo sendo um tópico que estará presente caso sigam carreiras profissionais na área artística. Não há uma preparação técnica facilmente aplicável aos moldes de ensino, pois é difícil até para os que estão inseridos no mercado da arte.

Temos, basicamente, três pontos de vista quando se trata de algumas transações comerciais financeiras: o do criador, do vendedor e do comprador. No mercado da arte essa situação pode ser facilmente aplicada. Inclusive muito se sabe sobre o artista, temos uma noção de como funciona as vendas de obras, mas quase não nos atentamos o suficiente aos compradores. E essa última classe tem tanta ou mais importância que os outros, pois sem eles não existiria todo o propósito da comercialização.

O ciclo da venda de arte nem sempre se fecha quando há aquisição, existe um sistema de investimento que motiva os compradores a gastarem dinheiro em arte, dando a eles uma esperança de alcançarem a multiplicação de seu capital financeiro. A revenda de uma obra pode excluir o artista de uma nova remuneração, apresentar riscos altos para o possuidor, atribuir sucesso a um marchand. E essa não é a norma principal, há diversas vertentes no mercado da arte que também apresentam

discrepâncias entre os grupos. Um exemplo que mostra o quão dinâmico pode ser esse mercado, é a história da relação do artista Sandro Chia com o colecionador Charles Saatchi. Após uma discussão, o colecionador resolveu se desfazer, com prejuízo, de sete obras do italiano e isso trouxe má fama para o Chia, pois para o mercado da arte a opinião de Saatchi valeu mais do que as habilidades artísticas do artista<sup>1</sup>. Aplicar a justiça nesse meio implica na fuga dos padrões normais, tendo as regras e julgamentos feitos por aqueles que dominam o topo.

Na busca de uma proposta mais específica para se tratar nesse trabalho de conclusão, a inspiração veio do documentário “*Banksy Ocupa New York*” lançado em 2014, produzido pelo diretor Chris Moukarbels. Em diversos momentos nota-se as dinâmicas entre o artista e o mercado da arte. Há demonstrações de como os terceiros, que não estão costumeiramente inseridos no mercado da arte, reagem diante da monetização das obras, o que torna mais interessante de acompanhar o processo documentado.

Apenas com base no que é visto no documentário, há levamento de muitas dúvidas acerca sobre a economia da arte. Como se vende arte de rua? Banksy vende de maneira direta? Se a obra foi feita em território particular, o proprietário tem a liberdade de vender e ficar com o dinheiro por algo que ele não criou? Por que os leilões recebem obras supostamente roubadas se a intenção de Banksy foi de deixar a obra na rua?

Para responder os questionamentos acima, carecemos saber quem é Banksy, como são suas obras, sua personalidade, sua trajetória. Mundialmente famoso, ele não representa a maioria dos artistas, mas usá-lo como exemplo ajuda a entender o funcionamento de casas de leilões mais famosas como Christie’s e Sotheby’s, que é o foco dessa monografia. O mercado da arte segue determinados protocolos e ele conseguiu quebrar alguns ao tentar tirar o controle deles. Acompanhar Banksy é também se questionar até que ponto o artista tem poder sobre sua própria arte.

Reiterando o que foi dito no início dessa introdução: o mercado da arte é complexo. Não por sua sistematização, mas pela capacidade de ser mutável a cada cenário que aparece. A maneira que ele reage à Banksy dificilmente vai se aplicar a outros artistas, pois podem surgir fatores externos que vão interferir em todo o resto.

---

<sup>1</sup> THOMPSON, Don. O Tubarão de 12 Milhões de Dólares. São Paulo. Editora B é i. 2012 p.135-136

Há elementos comuns em cada caso, mas ainda assim é imprevisível saber que fim tem cada obra e até mesmo o destino do artista.

Entre tantas perguntas que podem ser feitas a respeito do artista, foi determinada uma que basicamente responde quase todas as outras nesse trabalho: como Banksy vende sua arte? Tenha em mente as seguintes palavras chaves: fama, estratégia, versatilidade. Nas páginas seguintes será explicado como Banksy tem ligação com esses três termos e com inspiração nisso há análise de A Banca de Banksy, Spinix e A Garota com Balão interligadas a visões acerca de algumas perspectivas do mercado da arte.

## 1. BANKSY

Figura 1 – frame do filme *Saída pela Loja*



Fonte: <https://www.nytimes.com/2010/04/14/movies/14banksy.html>

Quem é Banksy? A resposta mais comum e que geralmente surge primeiro na mente é: artista de rua, anônimo, internacionalmente reconhecido. O que chama atenção na frase anterior? A palavra anônimo. Em uma era que boa parte da população mundial se mostra através das redes sociais, sendo possível conhecer uma pessoa morando a milhares de quilômetros, ser anônimo é um conceito que chega a ser estranho. Inicialmente é difícil entender como alguém chega ao patamar de fama internacional e não ter o rosto exposto.

Entretanto, não é novidade ver personalidades importantes optando pelo anonimato, existe alguns exemplos tanto no meio artístico quanto em outras áreas de negócios e até na vida civil. A escolha de manter a identidade oculta está ligada a diversos motivos, muitos ligados ao âmbito pessoal e outros construídos em estratégias de marketing. No caso de Banksy, inicialmente o anonimato foi adquirido para se proteger da polícia, já que o grafitti até hoje é considerado vandalismo, e isso foi necessário para conseguir continuar propagando sua arte. À medida que a fama e seu trabalho foram se expandido e tendo reconhecimento mundial, o artista optou por ainda manter o pseudônimo. Os atuais motivos para permanecer oculto não são

divulgados e corre teoria de que agora ele usa esse artifício como meio de se promover, ter publicidade<sup>2</sup>.

As especulações da verdadeira identidade de Banksy são diversas, tanto que até incluíram a ciência criminal em investigações para saber o seu real nome<sup>3</sup>. Várias personalidades foram apontadas, pessoas supostamente próximas ao artista foram entrevistadas para falarem sobre ele, existe até sentença de quem é a esposa de Banksy.

Entretanto, algumas informações sobre a identidade de Banksy não são segredo, ele deixou rastros através de seu livro Guerra e Spray<sup>4</sup>, publicado em 2005 pela Century e em seu filme Saída pela Loja<sup>5</sup>. Embora no livro haja mais imagens do que texto, extraímos o fato de que ele tem ligação com o Reino Unido, sendo local de suas obras iniciais. Provavelmente nasceu nos anos 1980, os eventos relatados no livro apontam para esse cálculo. No documentário há a presença de um homem representado como Banksy, portanto não há muita margem para discutir seu gênero. Há ainda afirmação no filme de que o artista possui uma equipe de confiança que o auxilia no trabalho. Mais informações sobre o artista são difíceis de se obter e de comprovar sua veracidade. Parece haver um divertimento em tentar descobrir sua real identidade.

Saber quem é Banksy não é importante de fato, pois isso não é a síntese de suas obras, embora muitas pessoas se interessem mais pelo personagem do que pelo conteúdo de sua arte. Seu anonimato traz ânimo para o público acompanhar seu trabalho e ajuda na repercussão de suas obras. Conhecer o artista ajuda a compreender o conceito das obras que ele cria, mas nem sempre é um recurso necessário para se conectar a arte.

Se o grafitti ainda é marginalizado pelo governo de diversos locais do mundo, como Banksy conseguiu fazer com que muitas autoridades o respeitassem a ponto de declararem que as obras do artista são patrimônio cultural? Tem várias respostas para isso, mas a mais simples seria: a própria personalidade de Banksy.

---

<sup>2</sup> Disponível em: <https://super.abril.com.br/cultura/banksy-o-anonimo-mais-famoso-do-mundo/>

<sup>3</sup> Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/14498596.2016.1138246>

<sup>4</sup> Título original: Wall and Piece

<sup>5</sup> Título original: Exit Through The Gift Shop

A fama é difícil de adquirir, especialmente para artistas plásticos. Mesmo com redes sociais auxiliando no processo de divulgação pessoal, ainda assim conseguir o status de celebridade requer muito esforço e é preciso ter algum fator diferencial. No caso de Banksy, podemos comprovar o status dele por intermédio de popularização de suas obras, atenção que recebe de outros famosos, a quantidade de obras sendo vendidas em galerias<sup>6</sup>, inúmeras notícias em portais informativos e até mesmo ao digitar o nome dele em sites de pesquisas na internet acha-se diversos artigos escritos a respeito dele.

Em busca de exclusividade no ambiente de leilão, existe a demanda de artistas que proporcionem o que os colecionadores desejam: monopólio, fama, magnitude. Querem que as visitas reconheçam imediatamente uma obra para validarem o bom gosto deles. E Banksy se encaixou bem nos requisitos. Graças ao artista, a arte de rua obteve o seu auge em leilões, já que virou uma certa novidade para os clientes. A lista de celebridades que comprou obras do artista comprova a grande difusão que ele tem recebido nesse meio. Ver em publicações que Brad Pitt<sup>7</sup> consome Banksy faz até um leigo compreender o nível que o artista chegou

O acadêmico britânico e vice-reitor de *Arts University Bournemouth*, Paul Gough, escreveu *Banksy: The Bristol Legacy*<sup>8</sup> e isso é uma das diversas provas que o artista conseguiu atrair atenção de diversas pessoas, incluindo os estudiosos da área de artes, e o qualifica mais ainda no status de celebridade. Afinal, no caso de artistas, ganhar o interesse alheio importa muito, pois sem ele não se tem a glorificação. Tentativas de se auto destacar não é o que falta, pois muitos tentam reaplicar cases de sucesso que estudaram. Mesmo que a pessoa seja excelente em desenhar, se não tiver uma personalidade marcante, um palco bem montado para exibir seu trabalho, não haverá reconhecimento acerca de seu talento.

Difícilmente alguém chega no auge do sucesso sem vontade alguma e se mantém lá sem esforço. Não há como levantar a hipótese de que Banksy não acolheu a fama que atualmente tem só porque é anônimo, caso contrário não teria a evidência que possui. Com seu humor ácido, sarcástico, irônico, presente em suas obras, o

---

<sup>6</sup> Disponível em: <http://www.artnet.com/artists/banksy/>

<sup>7</sup> Disponível em: <https://www.bristolpost.co.uk/news/celebs-tv/gallery/banksy-artwork-owned-celebrities-5256947>

<sup>8</sup> Não há disponibilidade do livro em português, portanto não há tradução oficial do título, mas podemos entender como Banksy: O Legado de Bristol.

artista levantou diversos temas polêmicos para as ruas a fim de levar o público a refletir. E fez isso em um nível diferente da costumeira arte de rua, atraindo mais atenção para suas obras.

E as pessoas compraram suas ideias, começaram a debater a respeito das imagens, usando muito a internet como meio de propagação. A mídia também auxiliou nesse processo da popularização de Banksy, já que suas obras criavam manchetes, atiçava curiosidade. O próprio artista teve que registrar em um site seus feitos para que não houvesse dúvida de quais eram suas criações. Afinal, ele não é o único grafiteiro anônimo do mundo, como por exemplo o Invader que também aparece no documentário Saída pela Loja de Banksy. E a junção desses fatores fez com que ele se tornasse cada vez mais afamado, fazendo a sociedade compreender a arte de rua, se tornou um artista memorável, importante para a história da arte de rua. Mas que fique claro, ele é uma exceção. Infelizmente ainda não há aceitação suficiente em relação à arte de outros grafiteiros, já que por exemplo o Banksy é motivo de turismo em Bristol<sup>9</sup> e em diversos lugares no mundo ainda há discriminação da arte de rua, como foi o caso do apagamento de grafites feito no mandado de prefeito de João Dória em 2017<sup>10</sup>, o que levantou diversos debates sobre o tema. A arte por justamente estar na rua sem proteção, está mais sujeita a intervenção de terceiros e isso por si só invoca inúmeras reações, incluindo a depredação.

O Banksy tem mais a perder revelando sua identidade, visto que o anonimato é um trunfo. A ousadia é uma característica marcante nas obras, ele conseguiu implantar arte em lugares inesperados, ato que não conseguiria se fosse alguém reconhecível.

Em meio de tantas pessoas querendo holofotes, ironicamente Banksy ficou famoso por agir na sombra. As obras dele conversam com a sociedade, as reações do público são interessantes. O mercado da arte não deixaria de aproveitar desse sucesso.

---

<sup>9</sup> Disponível em: <https://visitbristol.co.uk/things-to-do/banksy-walking-tour-p1354013>

<sup>10</sup> Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2017/01/24/politica/1485280199\\_418307.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/01/24/politica/1485280199_418307.html)

## 2. A BANCA DE BANKSY

Figura 2 – frame do documentário Banksy Does New York



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=zX54DlpacNE>

Existe uma romantização de que alguém um dia pode encontrar uma obra de arte desconhecida e depois descobrir que ela vale muito dinheiro. Isso segue praticamente o mesmo padrão de sonhos como ganhar herança de parente distante, de vencer na loteria, de casar-se com alguém da realeza. A junção do útil ao agradável, contendo riqueza, felicidade, sorte. Não é impossível, mas a chance de realmente acontecer é extremamente baixa. E a banca de Banksy foi um desses raros casos que muitos sonham.

Durante a sua estadia em Nova Iorque, no outubro de 2013, Banksy anunciou que todos os dias daquele mês iria revelar uma nova obra na cidade. O diário foi relatado em um extinto site ([www.banksyny.com](http://www.banksyny.com)) e para seus fãs era como uma caça ao tesouro. Descobrir uma obra dele antes mesmo do anúncio oficial era uma motivação constante. E mais, conseguir ver uma obra antes de ser destruída era valioso, o que significava muitas vezes ser necessário correr contra o tempo.

Entre as diversas obras e intervenções artísticas, um evento não foi esperado: a venda de obras de Banksy. No dia 13 de outubro foi mostrado no site oficial um vídeo de um senhor em uma banca cheia de quadros do artista a venda por apenas 60 dólares. Estava no Central Park, local movimentado, onde havia ampla movimentação de pessoas. Foram vendidos 8 quadros, dois levados por 50% de

desconto. No fim houve o faturamento total de 420 dólares. Posteriormente cada obra vendida nesse dia foi avaliada em 250 mil dólares<sup>11</sup>.

Para muitos, isso foi uma oportunidade perdida. O status do artista é tão elevado que as pessoas não pensaram na possibilidade de conseguir comprar um quadro de Banksy de uma maneira fácil e em um valor acessível ou de ter a sorte de encontrar o próprio muro escolhido pelo artista para sustentar uma arte. E não deveriam sentir culpa por não terem cogitado a ideia da banca, pois de fato é um tipo de evento bem difícil e raro de ser feito por artistas famosos.

Por Banksy ser anônimo e fazer uma arte facilmente replicável, a chance daquela banca de ter pinturas falsificadas era grande. Verificar a veracidade de uma obra nem sempre é fácil, mesmo que Banksy autentique através de seu site oficial. Os compradores naquele dia foram pessoas comuns, conduzidos pela estética. O que nos leva a refletir que nesse contexto as obras estavam ali por si mesmas e não pela representação do nome do artista.

Inclusive precisamos constatar que Banksy leva duas marcas distintas. A acessível, que faz o povo lembrar facilmente da imagem, apreciam o lado estético, produtos comuns sem licenciamento estampando as obras, não há busca pelo significado profundo, pode ser encontrada em ambientes públicos. E há o lado elitista, sendo o artista mais lembrado que a própria obra, exibição de status, valores financeiros exorbitantes, exclusividade, ambições. Essas duas facetas dificilmente se misturam.

O mercado da arte existe praticamente desde que o humano começou a organizar sistemas financeiros. Assim como existem diversos serviços comercializáveis, o trabalho de artistas também está incluso nessa sistematização. No entanto, ele se enquadrava como um artigo de luxo para quem pode pagar sem preocupações. Embora nos tempos atuais seja mais acessível a aquisição, não deixou de ser dispensável.

Nos séculos passados, houve uma longa fase em que ter uma pintura em casa simbolizava que a pessoa tinha dinheiro o suficiente para adquirir o trabalho de um artista, pois muitas obras levavam um bom tempo para serem finalizadas e um dos

---

<sup>11</sup> BANKSY ocupa New York. Direção de Chris Moukarbels. EUA. HBO, 2014. Documentário min 39:40

critérios de monetização do serviço era a cobrança por hora trabalhada. Isso por si só demonstrava o status do cliente. Não havia uniformidade a respeito da relação do artista com o contratante, mas há um consenso de que a aristocracia foi o cliente mais fiel e antigo.

O reconhecimento de talento dos artistas era por intermédio dessas contratações, pois a arte não foi facilmente acessível ao povo. Consequentemente não houve o incentivo criativo e financeiro adequado a aqueles que não estavam inclusos nos circuitos elitistas. Inclusive os materiais de arte necessários para criar obras era um custo que poderia ser difícil de bancar. Não é raro as histórias de artistas talentosos pobres que foram descobertos após a sua morte e não desfrutaram do consequente lucro. Podemos dizer que desde a Renascença foi edificado a importância de patronos para os artistas<sup>12</sup>.

Na medida que os anos se passaram, a arte se tornou mais alcançável, as matérias primas foram barateando, cada vez mais era possível ser artista sem os limites da alta sociedade. A relação do povo com a arte se estreitava e isso fortaleceu os meios artísticos. Podemos afirmar que financeiramente também houve ascensão para os criadores de arte, mesmo ainda existindo a seletividade.

Discutir o valor de uma obra não é uma conta que se explica facilmente. Os fatores que contribuem para a monetização vão além do custo de material, tempo do artista. Chegar em um número inicial é um trabalho conjunto de marchands e casas de leilão. A opinião do artista é o menos importante nesse ponto. Os recordes de venda são mérito dos compradores que disputam entre si por intermédio de lances.

Para se vender arte é importante que o artista tenha ao menos uma característica marcante que leve as pessoas a quererem adquirir suas obras. E é necessário fazer propaganda, mesmo que quase nula. Se não há anúncio, dificilmente há interessados. Em leilões há o recurso de falar sobre a vida do artista para que se crie identificação, compaixão, admiração, afim de criar vínculos do público com as obras. Esse fator emocional pesa no custo monetário, facilita as vendas. Por isso há dedicação em trabalhar na imagem do artista.

---

<sup>12</sup> GREFEE, Xavier. Arte e Mercado. São Paulo. Editora Iluminuras. 2013 p. 102-103

Basicamente há dois mercados de arte: o primário, que normalmente se encontra em galerias, e o secundário, onde predomina o leilão. Entre eles, nem sempre há boas relações. Para o artista, o sucesso pode engrandecer de diversas formas, mas o caminho mais comum é: reconhecimento de amigos, familiares, conhecidos, depois vem exposição para os demais, em galerias por exemplo, o ápice pode ser considerado a venda em leilões e por fim, ser cobiçado por colecionadores. E nesse processo, a experiência do artista é diferente em cada etapa.

Resumidamente podemos analisar o seguinte: em galerias se espera artistas novos, obras diferentes, talentos a serem descobertos. Não há uma grande pressão para vendas, os valores costumam ser mais acessíveis do que em leilões. É um bom campo para estudar as tendências, saber as reações do público<sup>13</sup>. Em leilões pode-se esperar estratégia, investimento em marketing, seletividade, valores exorbitantes. Nesse ponto normalmente os artistas estão muito bem estabelecidos, dificilmente terá algum artista desconhecido<sup>14</sup>. Construir uma boa carreira e imagem pessoal no mercado primário pode ser fator essencial para ter evidência em mercado secundário.

Em *O Tubarão de 12 Milhões de Dólares*, a partir da página 363, ele cita o professor de economia David Galenson a respeito do padrão aplicável à maioria dos artistas de sucesso. A idade da carreira dos artistas tem influência na determinação das obras mais valiosas, sendo essas executadas ou no começo da carreira, como Andy Warhol, ou no final dela, como Jackson Pollock. Isso é um dos indicativos que um investidor deve se atentar ao adquirir uma obra. Esse ponto também auxilia na compreensão das diferenças entre mercado primário e mercado secundário.

No imaginário popular, ver obras sendo vendidas em galerias e leilões implica determinado grau de importância da arte. É esperado encontrar os valores variando entre milhares e milhões de reais, o que não é uma surpresa para quem já pesquisou a respeito disso. Normalmente é previsível que as obras mais valiosas estejam em leilões. Entretanto, não é esperado, de maneira alguma, obras originais de artista famoso sendo vendidas a um preço baixo em uma rua movimentada, sem toda a pompa de galerias e leilões.

---

<sup>13</sup> GREFEE, Xavier. *Arte e Mercado*. São Paulo. Editora Iluminuras. 2013 p.148

<sup>14</sup> THOMPSON, Don. *O Tubarão de 12 Milhões de Dólares*. São Paulo. Editora B ã i. 2012 p.362-363

Essa performance de Banksy quebrou, por um momento, uma concepção logística que se estabeleceu no mercado da arte. Não há regras fixas de como um artista deve vender suas obras, mas a princípio no pensamento fica difícil compreender a escolha de Banksy. Se um quadro criado por ele pode custar 250 mil dólares, por qual razão ele escolheria vendê-lo por apenas 60 dólares? Se um fã de Banksy passasse por aquela banca e visse os valores, certamente pensaria que se tratava de falsificações das obras para obter um lucro, aproveitando o fato de o artista estar em alta devido a sua presença em Nova Iorque na época.

Embora Banksy não mantenha esse baixo valor em suas obras, prosseguindo com a dificuldade de adquirir uma, ele apontou para uma questão no mercado da arte que passa por desconhecido: a realidade de muitos profissionais na área de artes. Se formos avaliar quantos artistas acabam em galerias, saberemos que ainda assim são poucos diante do grande número de artistas que existem no mundo. A oportunidade não chega para todos. E para conseguirem ter dinheiro, acabam recorrendo a um público que nem sempre entende a sistematização da arte, vendendo suas obras em ruas, pequenas lojas não especializadas, mercados e afins. Esses artistas não ganham o mesmo reconhecimento de quem vende em galerias e leilões.

Quando pensamos em vendas, logo nos lembramos do mercado convencional, onde há uma troca entre o comprador e vendedor. Há regras nesse meio que a sociedade se adequou devido a convivência diária, o que leva a automatizar tal esquema para todos os sistemas financeiros que envolvem venda de mercadoria. Como por exemplo: comércio de alimentos. Escolhemos um produto, efetuamos pagamento por eles e os levamos para casa. É uma operação simples, aplicamos esse processo em diversos outros tipos de comércio. Entretanto, no meio artístico as vendas são consideradas ilógicas para aqueles que não compreendem a imensidão das vertentes econômicas. Há inúmeros exemplos de obras que custaram valor  $x$  para ser feita e foram vendidas a um valor milhares de vezes  $x$ . Para quem se acostumou a comprar produtos num valor aproximado ao de custo, não compreende de imediato a razão de outros produtos serem vendidos num preço muito acima do que realmente custou. Essa hiper valorização é surreal para a maioria das pessoas.

O choque que Banksy causou com sua banca tem essa ligação direta com a habitualidade, costumes. Aqueles que estavam atentos ao mercado da arte enraizaram a ideia de que ele é um artista destinado a leilões, devido ao seu sucesso

de vendas entre colecionadores. Mas aqui o Banksy prova que consegue oscilar entre as variações financeiras da arte e ser acessível a aqueles que não possuem recursos suficientes para comprar de outros modos. Inclusive no site de Pest Control há uma nota, em tom de bom humor, de que Banksy permite a impressão de suas obras para fins pessoais<sup>15</sup> e isso é mais uma prova de que suas obras podem custar de zero a milhões de dólares dependendo de como são adquiridas e fornecidas.

E por qual razão reconhecemos a banca de Banks como performance? Ele se colocou no mesmo nível de artistas desconhecidos por apenas um breve momento, pois embora os quadros tivessem totalmente a estética dos trabalhos dele, não era explícito que eram originais dele, não tinha evidências de que foram criadas por ele, que não se tratava de falsificações. Ele retirou o seu nome, que é uma marca registrada, e esperou pelas reações das pessoas diante esse “apagamento” de identidade. O interessante foi analisar as pessoas e as ações que tiveram em um experimento feito por ele.

Banksy não tornou esse ato algo recorrente, não demonstra interesse em manter essa atividade comercial. Podemos crer que ele compreende a dimensão que o mercado da arte possui e provavelmente demonstrou atrás dessa performance um gesto de empatia aos seus colegas de trabalho já que com poucas evidências, esses enfrentam a mesma situação da banca em uma frequência maior que a de Banksy. A banca se tratou da falta de atenção das pessoas a arte, da real dificuldade em vender obras. Retirar a “etiqueta Banksy” dessas obras as tornaram menos interessantes, até invisíveis, mesmo sendo autênticas. E isso resume, de certo modo, a forma que o mercado monetiza a arte e o tratamento diferenciado que artistas de uma mesma categoria acabam recebendo.

---

<sup>15</sup> Disponível em: <https://pestcontroloffice.com/use.asp>

“Você está convidado a usar as imagens de Banksy para diversão pessoal não comercial. Imprima-os em uma cor que combine com suas cortinas, faça um cartão para sua avó, envie-os como seu próprio dever de casa, o que for.”

### 3. SPHINX

Figura 3 – Sphinx



Fonte: <https://www.banksy.co.uk/>

No documentário “Banksy Ocupa Nova York”<sup>16</sup> vemos diversas situações em que as pessoas tentam lucrar às custas do artista. Seja recortando o muro e vendendo, tentando comprar uma porta pichada por Banksy antes que fosse apagada, pessoas cobrando os outros para apenas visualizar a obra. E o lucro nem sempre era de maneira monetária, teve aqueles que protegeram as obras orgulhosamente, que conseguiram obter publicidade para seus negócios já que as pessoas passavam nos estabelecimentos. Uma outra espécie de lucro foi de grafiteiros que incluíram suas próprias marcas por cima da imagem para também se tornarem conhecidos de alguma maneira, já que o Banksy possui uma grande exposição. E entre essas tentativas de lucro, uma teve destaque no documentário: a de pessoas pegando uma obra exposta na rua e tentam vender através de galeria e leilão. O termo roubo seria o correto para qualificar tal atitude?

---

<sup>16</sup> BANKSY ocupa New York. Direção de Chris Moukarels. EUA. HBO, 2014. Documentário (79 min)

No dia 22 de outubro de 2013, em *Willets Points*, foi descoberto uma escultura feita de tijolos intitulada de Sphinx pelo artista. A estátua nos remete diretamente a Esfinge, localizada no Egito. Figura simbolizada como espírito divino, era adorada pelos próprios homens que a construíram. A localização para tal obra não foi mero acaso, pois aquele ambiente se tratava de uma referência do humano à fatura da industrialização. O bairro, também conhecido como Triângulo de Ferro, é dominado por comércio de automóveis e ferro velho. *Willets Points* tem uma história marcada pela prosperidade que foi destruída<sup>17</sup>. E esse pedaço de Nova Iorque nos lembra de certa maneira a Esfinge. Por um determinado tempo foi totalmente esplêndida, mas depois ruiu de alguma maneira e ainda assim mantém sua importância histórica.

Localizada em uma parte de Nova York que habitantes são quase inexistentes, a Sphinx atraiu uma multidão e foi vista como ouro em meio a tantas tralhas. Um local que estava fadado ao declínio, ter sido palco de uma obra de Banksy foi significativo. E aqueles que a raptaram não se enganaram, pois receberam uma proposta de 50 mil dólares pela escultura, prontamente recusada pela fé de que poderiam ganhar mais. Sabiam que era aquela chance de mudar as suas vidas e decidiram apostar.

Entretanto, essa transação comercial não é simples, não é um produto fácil de vender. Uma galeria aceitou o desafio da venda, porém não obteve sucesso em anos com a obra à disposição. Há alguns fatores que podem ter desencadeado no fracasso: status da galeria, histórico do vendedor, falta de reconhecimento. Provavelmente a falta de uma certificação de autenticidade tenha sido o que mais pesou.

Se Banksy é anônimo, como é possível autenticar as obras? Apesar do artista manter sua identidade em oculto, ele possui uma equipe que o auxilia no combate contra a falsificação. Pest Control, eis o nome deles. São a ponte para comunicar-se ao artista, agem como uma agência de representação. O poder de avaliar e dar o parecer positivo pertence ao grupo.

Assim como muitas empresas que levam seus negócios à sério, possuem uma série de termos contratuais a serem seguidos. Não há dúvidas de que tenham acompanhamento jurídico, pois diversas pessoas tentaram se aproveitar da arte de Banksy disposta na rua para lucrar de alguma maneira.

---

<sup>17</sup> <https://ny.curbed.com/2018/2/22/17038794/willets-point-queens-development-photo-essay>

A falta de informação a respeito da comercialização de obras artísticas leva as pessoas a cometerem equívocos. Existe uma crença de que se está na rua, qualquer um pode pegar. Supostamente se o artista não registrar ocorrência de roubo, então não houve furto. Se tem alguém disposto a desembolsar muito dinheiro por uma obra de Banksy, de fato nada impediria aqueles rapazes de pegarem a estátua.

A moralidade entra em jogo quando se tem um debate a respeito dessa situação. Há pessoas que acusam de roubo, consideram a atitude como um crime e há aqueles que consideram apenas imoral. Privar o público de visualizar, conviver, apreciar a obra que foi posta na rua propositalmente pode ser visto como um ato de egoísmo.

Banksy compartilha dessa visão de que cidadãos merecem ter acesso ao que ele produz. Com base nas informações do site de Pest Control<sup>18</sup> eles não costumam autenticar obras que foram destinadas às ruas pelo artista.

Uma obra autêntica possui mais relevância que uma obra sem reconhecimento mesmo sabendo que ambas foram criadas pelo mesmo artista. O aval é dado por especialistas, o que torna até comum ver legitimidade de artes sendo questionadas, retiradas, devolvidas, reiteradas. O trabalho de Banksy não foge à regra, mas provavelmente ele possui um pouco mais de controle na questão de autenticidade do que outros artistas, já que ele possui um vínculo direto com Pest Control, que é totalmente dedicada a legitimar as obras dele.

Um fato que as pessoas não sabem é que até mesmo Banksy, que dedicou boa parte de sua carreira ao grafitti de rua, tem sua cota de obras comerciais, criadas em estúdio, com propósito do artista lucrar diretamente com seu trabalho. Além de ter escrito um livro, Banksy também dirigiu um filme, que foi premiado. Isso demonstra que o artista não se incomoda com quem quer consumir sua arte, tanto que ele a cria em diversos moldes, mas se incomoda com o fato de quererem monetizar sem seu consentimento. Se não se importasse com isso, não existiria a equipe Pest Control e conseqüentemente não existiria um site de mesmo nome, onde é explicado a respeito de autenticações e certificados de vendas das obras de Banksy.

---

<sup>18</sup> <https://pestcontroloffice.com/terms.asp> item 4

Uma casa de leilão que se preze e entenda da importância de autenticação vai exigir a certificação e terá os documentos necessários. Embora ainda tenha marchands que tentarão vender obras sem o aval de Pest Control, um comprador sagaz sabe que o investimento valerá muito mais se adquirir por meios legalizados. A burocracia envolvida rende não apenas dinheiro, mas tranquilidade já que futuramente a chance de revender é mais certa do que quem não tiver a certificação cedida.

Curiosamente no site de Pest Control encontramos a seguinte declaração: “Dizer que “Banksy escreveu em seu livro que copyright é para perdedores” não te dá o direito de deturpar o artista o artista e cometer fraudes. Nós checamos<sup>19</sup>”. Esse trecho resume a luta deles contra a falsificação. O artista permite que as pessoas utilizem suas imagens para meios pessoais, mas não as cede para a comercialização.

Esse é um problema que diversos artistas no mundo inteiro enfrentam, pois é considerado desrespeito com o trabalho deles. Alguém que não teve o esforço algum em criar uma arte, se apropria das obras de outros para estampar em produtos que são vendidos como se essa pessoa tivesse feito. Para esses casos, há leis que protegem os direitos autorais. No Reino Unido, há a lei *Copyright, Designs and Patents Act 1988*, também conhecido como CDPA. No Brasil, temos a lei nº 9.610, de fevereiro de 1998. O objetivo dessas leis é proteger o trabalho intelectual da pessoa e assim evitar a apropriação de terceiros, entre outros tópicos.

Essa situação também se aplica a aqueles que resolvem vender obras que o artista cria unicamente para as ruas. Há quem defenda que está protegendo, já que a imagem está submetida a sujeiras, rasuras, apagamento. No entanto, o artista tem plena consciência das consequências que a arte está sujeita a sofrer pelo simples fato de estar em domínio público, mas ainda assim é uma arte propagada pela crença de que o cidadão comum merece ter o privilégio de ver o trabalho de artistas em locais que vão além de museus, galerias. A realidade é que nem todas as pessoas do mundo possuem fácil acesso a esses ambientes. A arte de rua tem como um dos objetivos de contribuir com o embelezamento da cidade e de levar mensagens para que a sociedade reflita.

---

<sup>19</sup> “Saying “Banksy wrote copyright is for losers in his book” doesn’t give you free rein to misrepresent the artist and commit fraud. We checked.”

No documentário mostra a realidade daquelas pessoas que pegaram a Sphinx, são sujeitos que estão com os negócios falidos, moram em uma casa pequena, querem melhorar a qualidade de vida. De certa maneira até somos induzidos a torcer para que eles consigam ter sucesso na venda. Mais uma vez a moralidade é discutida, pois que mal teria um pobre conseguir ascender financeiramente? Infelizmente o mercado da arte não faz caridade, o risco da venda foi altíssimo, como retratado no documentário, pois aquelas pessoas que pegaram a obra não tinham conhecimento algum sobre mercado da arte e julgaram que seria uma simples venda. Não há mais detalhes expostos a respeito dos detalhes das tentativas de venda, mas aparentemente o marketing feito pela galeria não foi o suficiente para atrair propostas de compradores. E há o princípio da coletividade. Retirar a obra da rua, que é gratuita, para inseri-la em um meio elitista como leilão, que dá acesso a uma parcela mínima da população, é descaracterizar em parte o propósito da obra.

Aqui a questão aponta novamente para o direito autoral. Se apropriar de um trabalho feito por outro para ganhar um lucro que não terá destino para o autor original demonstra falta de consideração pelo esforço do artista que gastou tempo, materiais, energia para criar uma obra. O outro levará um dinheiro pelo que não fez. Independente da condição financeira de quem se apossou ilegalmente, a não autorização da comercialização de obra do Banksy não justifica o furto.

Banksy optou por impedir a certificação de autenticidade para as obras que foram retiradas da rua afim de que elas permaneçam lá. É uma tentativa de controlar o que ele permite vender, pois muitas vezes ele não lucra com a comercialização dessas artes que os outros pegam no propósito de obterem dinheiro para si mesmos e conseqüentemente ele não apoia a atitude dessas pessoas, que estragam o objetivo de manter a arte no seu destino escolhido. E mesmo assim, há profissionais da área que insistem na mercantilização.

A Sphinx de Banksy seguiu cumprindo um objetivo: mostrar a ruína da obra, que teve um momentâneo esplendor, nas mãos de ambiciosos e se tornou memorável para aqueles que viram o documentário, compreenderam uma parcela da dimensão do mercado da arte.

#### 4. GOING, GOING, GONE

Figura 4 – Quadro picotado na Sotheby's



Fonte: <https://thefreshtoast.com/culture/heres-where-you-can-see-banksys-famous-shredded-painting/>

Em uma noite de outubro de 2018, Sotheby's House realizava mais um leilão. O fim da cerimônia estava destinado à uma obra de Banksy (Garota com Balão – 2006<sup>20</sup>) e era esperado que os lances fossem de valor monetário altíssimos, sendo o mínimo 300 mil libras. Afinal, era evento de uma das casas de leilões mais famosa do mundo, portanto havia compradores de renome. Dou-lhe uma, dou-lhe duas, dou-lhe três! A obra foi vendida por mais de um milhão de libras para uma pessoa que comprou através de um intermediador por meio de uma ligação telefônica. Assim que o martelo bateu, ouviu-se um alarme sonoro e nesse instante a obra começou a ser picotada, saindo por debaixo da moldura.

Essa foi uma das notícias sobre Banksy mais divulgada mundialmente<sup>21</sup>. Um feito inédito no mundo da arte contemporânea em leilão. Destruir uma obra por si só já causa espanto. Destruir uma obra que custou mais de um milhão de libras causou a sensação de dinheiro desperdiçado, irracionalidade, surpresa, confusão mental. Nesse momento não houve uma mensagem imediata, apenas o espanto, bocas abertas, corpos paralisados. O ato foi tão incomum, que seria impossível não divulgar.

<sup>20</sup> Título original: Girl With Ballon

<sup>21</sup> <https://www.bbc.com/portuguese/geral-45771649>

Em um vídeo divulgado pelo próprio artista<sup>22</sup> é possível constatar as diversas reações das pessoas, incluindo o gesto de fotografar, filmar. Isso demonstra que todo mundo soube o quão memorável a execução foi para a arte.

Podemos afirmar que houve uma intervenção artística. E ao mesmo tempo podemos levar em conta que há uma estratégia de marketing por trás desse evento. Para muitos especialistas na área, Banksy não passa de uma marca publicitária. Como o artista conseguiu burlar o sistema de segurança e qualidade da Sotheby's, implementar um picotador, sem ser flagrado? Possivelmente ele teve ajuda de alguém da instituição. Justamente por não termos acesso ao processo de seleção e montagem dos leilões executados, não se sabe com detalhes como a obra com o triturador foi parar lá. A impossibilidade de entrevistar o artista também é uma barreira para sanar as dúvidas e com isso só temos acesso ao que ele divulga e declara nas suas redes sociais. O Banksy alega, no vídeo, que fez o procedimento anos atrás para caso ela fosse em leilão. Qual a chance de o instrumento passar despercebido por anos? Certamente a Sotheby's não deixaria de analisar cuidadosamente as obras que recebem, incluindo as molduras. E como Banksy sabia que aquela obra em específico poderia ir a leilão? Ela fazia parte de um conjunto de impressões limitadas. Ou seja, tinha várias delas por aí. Não se sabe de nenhuma outra obra dele que tem picotador, provavelmente houve uma revista após o caso. Seguindo esses pontos, fica difícil pensar que não houve uma tentativa de marketing, pois muito provavelmente o artista teve acesso a informações acerca do funcionamento da Sotheby's e pode ter tirado vantagem disso para realizar a performance. Como isso ocorreu é um mistério. E esse processo foi mantido em segredo, tanto que o leiloeiro ficou surpreso, a expressão de espanto, e depois preocupação, não o deixa mentir<sup>23</sup>.

Analisando por outro lado, se a intenção era de fato destruir o quadro, poderia ter sido feito de modo mais eficiente e até em privado. Portanto descarta-se o propósito puramente destrutivo. Seguindo essa linha de raciocínio, uma possível hipótese é que a intenção de Banksy era ridicularizar de alguma maneira a venda de seu próprio trabalho. Essa ideia não é absurda, sabendo-se que não seria a primeira vez que ele esnobaria leilões por intermédio da arte, como, por exemplo, na sua obra

---

<sup>22</sup> Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=iiO\\_1XRnMt4](https://www.youtube.com/watch?v=iiO_1XRnMt4)

<sup>23</sup> Disponível em: <https://youtu.be/vxkwRNIZgdy> (min 2:06 a 2:18)

*Morons*, onde vemos uma tela com a seguinte frase escrita: “Não posso acreditar que vocês, idiotas, realmente comprem essa merda<sup>24</sup>”.

Se pensarmos no funcionamento de um comércio que vende peças de roupas, sabemos que quando um funcionário causa um estrago no produto vendido, o consumidor vai exigir uma retaliação, talvez peça o dinheiro de volta, e a avaria vai fazer a mercadoria perder o valor financeiro. E ao contrário do que se pensa, *Garota Com Balão* na verdade ficou mais valorizada. Os rasgos deram uma identidade única àquela obra. E para entender o motivo do valor ter aumentado, também temos que compreender a imagem dela.

A *Garota com Balão*. É uma das obras mais icônicas do artista Banksy. Essa eu me refiro à primeira, que foi pintada no ano 2002 em um mural na ponte Waterloo no South Bank de Londres. Ficou famosa no mundo, especialmente através da mídia. Desde então, ela ganhou outras versões criadas pelo próprio artista e possui variados significados, sendo boa parte deles de cunho político. Quem possui acesso à internet, provavelmente viu essa imagem exposta em diversos perfis de redes sociais com finalidades decorativas e dinâmicas.

Em uma era que a fotografia se tornou um meio de se autopromover, as pessoas têm se tornado criativas e empenhadas para conseguir aprovação dos outros através de dois cliques na tela de smartphone. Uma estratégia para deixar uma foto mais divertida é justamente a maneira que a pessoa interage com as coisas ao seu redor. Tirar uma foto de si ao lado de quadros do museu se tornou comum. As obras de arte não apenas decoram paredes e estantes dos seres humanos, como agora também decoram as fotos. É uma concepção muito utilizada: arte dentro de arte.

As pinturas de Banksy nasceram e cresceram na rua, os muros das cidades foram suas telas e isso foi um fator que permitiu o fácil acesso do público às obras, não havia uma barreira que impedisse aqueles que quisessem se aproximar. Aliado ao conceito de tentar se destacar em meio a tantas fotos, surgiu a ideia de imitar a pose da menina. É simples, é fácil. Se o vento colaborasse em movimentar as roupas e cabelos, a cópia seria aperfeiçoada.

---

<sup>24</sup> Disponível em: <https://www.banksy.co.uk/img/indoorimg/morons.jpg>

As pessoas se colocaram no lugar da garota. Supostamente para se divertir, ganhar algum destaque nas redes sociais, guardar lembranças, não por ter os mesmos sentimentos que ela. Se analisarmos com calma, cada retrato dessa pose em que vemos indivíduos diferente tentando pegar o mesmo balão, vemos que há uma significância diferente, mesmo que as fotos sejam semelhantes. Dificilmente alguém consegue se aproximar na profundidade histórica da obra original. Não há problema em criar essa dinâmica. A arte nem sempre desperta o lado reflexivo das pessoas, ainda mais sendo a arte de rua, que pode se tornar usual no dia a dia de cidadãos, passa por despercebido. E ainda assim A Garota Com Balão atraiu uma atenção ímpar. Graças a sua ampla popularidade, ela alcançou um patamar na arte que é difícil de alcançar tanto em valores financeiros quanto no valor cultural, sendo a obra de Banksy mais copiada, propagada e reconhecida.

A Garota com Balão é uma obra mutável. Por mais que o próprio artista tenha dado a ela a representação política britânica, apoio aos refugiados sírios, a trituração em leilão, ela ainda possui a essência primária positiva atribuída por muitos: esperança. O balão pode simbolizar diversos elementos, situações. Sempre há esperança<sup>25</sup> é uma frase que foi escrita ao lado, provavelmente com giz. Há grandes chances de ter sido escrito por uma pessoa desconhecida e não por Banksy. E mesmo assim, essa frase foi associada ao grafitti e no imaginário de diversas pessoas, que mesmo sem visualizar as palavras, o que vem à mente é a ideia de esperança de que a menina consiga o balão de volta. Essa é a visão otimista. Na pessimista, basicamente é um balão indo embora. Esse detalhe comprova que a imagem criada por Banksy possui mais de uma face interpretativa, o que reforça o fato dela ser versátil.

Inicialmente há aquela sensação de que a menina perdeu o balão. O rosto dela não tem uma expressão fácil de interpretar por conta das grossas linhas, parecendo até ter uma ênfase neutra. Então nos resta tentar desvendar através do ato dela de estender a mão, como se quisesse pegar o balão, que sabemos estar indo para o lado oposto em relação ao corpo graças ao vento que moveu o cabelo e vestido dela. Pouco se analisa as pernas dela. Não há aquele movimento nas pernas que se faz ao tentar alcançar algo no alto, mesmo que os pés dela não estejam sendo mostrados. Exceto pela mão, o resto do corpo não indica a intenção de ir atrás do balão. Na

---

<sup>25</sup> "There is always hope" – Figura 6 – página 34

imagem há apenas uma menina e um objeto flutuante, o que nos leva a pensar que eles podem estar diretamente relacionados, porém também há uma chance de ser mero acaso de enquadramento. Convenhamos, essa teoria pode ser fraca, já que o artista poderia ter implementado mais elementos para dar essa impressão. Só não deixa de ser uma possibilidade de interpretação.

Um outro ponto de vista plausível é também mostrar a conscientização da perda do balão, mesmo tendo a vontade de obtê-lo de volta, sabe-se que não há nada que possa ser feito, apenas assistir ele indo embora. *Going, going, gone*. Foi o Banksy escreveu na legenda da foto, através do Instagram, em que vemos as pessoas surpreendidas pela obra picotada no leilão. Essa frase também é bem associada ao que o leiloeiro cita ao encerrar os lances, mas se pesquisar exatamente essa frase em sites de busca na internet, deparamos com a canção de Bob Dylan. Surpreendentemente na música há um trecho que cita: Garoto, vá e siga seu coração<sup>26</sup> o que nos faz lembrar imediatamente da obra. Difícil é não fazer analogias.

Perder algo de que gostamos é doloroso. Há uma torcida quase que inevitável para que ela consiga recuperar o balão. Ele aparenta estar perto, talvez com mais esforço dá para pegar de volta. Aqui reina a esperança. Entretanto, pode-se ter a ilusão de que ela quer o retorno do balão. A mão estendida também lembra um outro ato: o de despedida. Seguir o coração não significa necessariamente em ir atrás, mas pode ser de saber deixar ir embora.

O simbolismo da obra se aplicou à realidade naquela noite do leilão. Assim que foi vendido, iniciou-se o processo de picotagem. Igual a uma criança que ganha um balão e por um acaso acabou pendendo-o, ficando fora do alcance de sua mão. As pessoas ficaram imobilizadas como a menina do quadro. Estranhamente o picotador deixou de funcionar e não concluiu o procedimento, deixando uma parte intacta. Coincidentemente o balão não foi atingido pelas lâminas, até aqui ele foi inalcançável. Banksy alegou mal funcionamento, tanto que também mostrou em vídeo um teste que tinha feito anteriormente e tinha conseguido picotar perfeitamente<sup>27</sup>. Esse equívoco ajudou mais ainda a dar uma identidade a obra, já que se caso tivesse ficado em tiras, não daria o mesmo impacto visual de como o quadro está atualmente.

---

<sup>26</sup> "Boy, go and follow your heart"

<sup>27</sup> Disponível em: <https://youtu.be/vxkwRNIZgdY> (min 2:37 - 2:52)

A Sotheby's correu o risco de perder a venda milionária, mas conseguiu convencer o cliente de que agora a obra vale mais do que antes. Comprou um quadro que era igual a vários outros, diferenciado apenas por uma classificação numérica e acabou levando uma intervenção artística feita pelo próprio artista.

Após quase três anos desse ato, e de ter rodado o mundo em vários museus, foi anunciado a revenda da obra novamente pela Sotheby's. Foi vendido por 25,4 milhões de dólares para um colecionador asiático anônimo<sup>28</sup>. Lembrando que inicialmente, em 2018, foi vendido por 1,4 milhão de libras. E a obra ganhou um novo nome: O amor está no lixo<sup>29</sup>. Nada mais justo um novo título já que ela ganhou uma nova identidade.

Banksy conseguiu elevar uma obra que já era icônica. Poderíamos afirmar em dizer que ele conseguiu explorar essa obra de diversas maneiras e o lucro foi muito além do financeiro. Não há dúvidas de que essa performance marcou a história do leilão da arte contemporânea, pois encontramos muitas notícias a respeito disso nos jornais de todo o mundo, e isso garantiu, de certa maneira, revendas da obra em leilões no futuro.

Figura 5 – Girl With Balloon – 2006



Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Girl\\_with\\_Balloon#/media/Ficheiro:Banksy\\_Girl\\_and\\_Heart\\_Balloon\\_\(2840632113\).jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Girl_with_Balloon#/media/Ficheiro:Banksy_Girl_and_Heart_Balloon_(2840632113).jpg)

<sup>28</sup> <https://www.istoedinheiro.com.br/menina-com-balao-obra-de-banksy-volta-a-ser-leiloadada-por-r-139-milhoes/>

<sup>29</sup> Título original Love is in the Bin

Figura 6 – Instagram de Banksy – 5 de outubro de 2018



Fonte: <https://www.instagram.com/p/Bokt2sEhlsu/>

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Figura 7 – Copyright



Figura 8 – Copyright – Fonte: <https://pestcontroloffice.com/use.asp>

Diante dos casos apresentados anteriormente, a banca, a esfinge, o quadro picotado, notamos a relação de Banksy com o mercado da arte. É inegável que o artista tenha a sua marca, mas essa não foi totalmente moldada por terceiros interessados em dinheiro.

Precisamos esclarecer um ponto: não há vilania, assim como não há plena pureza no mercado da arte. Não há justificativas o suficiente para tratar leilões, por exemplo, como um ambiente totalmente exclusivo por estar associado a elite, pois existem diversos tipos de leilões, inclusive com ofertas baixas, e nem há razões para definir galerias como o espaço “correto” para um artista se manter pelo fato por ser supostamente acessível a sociedade, pois também existem galerias com entradas restritas. Não há brechas para generalizações em um mercado tão complexo.

Por mais que haja embate entre o mercado secundário e o mercado primário, uma galeria pode receber ajuda de marchands e vice-versa. Cada uma cumpre seu propósito e podem ter parcerias. Em *Arte e Mercado* de Xavier Greffe, na página 150,

ele menciona o seguinte: “As relações tendem a encolher entre os mercados primário e secundário, e boa parte do dinheiro ganho neste último é reinvestido naquele pelos leiloeiros transformados direta ou indiretamente em galeristas. Isso também significa que assumir o risco torna-se cada vez mais econômico e cada vez menos artístico, pois os novos mandantes do mercado primário devem cuidar para que esse mesmo dinheiro seja capaz de ser valorizado novamente no mercado secundário.” Tal trecho exemplifica que leilão e galeria podem se interligar. E também podem ter rivalidade, pois ainda assim não há padronização no mercado da arte. Inclusive para ter sucesso como investidor de arte, deve-se compreender e se envolver tanto no mercado primário quanto no secundário.

Normalmente o que se aprende sobre poder econômico é mais com as experiências da vida do que no ambiente acadêmico. Devido a isso, e a diversos outros fatores, o senso comum a respeito da abstração financeira pode ser confuso quando não há aprofundamento do estudo em relação à economia. Quando pensamos na carreira artística, pode ser natural compará-las a outros ofícios comuns. Para aqueles não tem convivência alguma com artistas, há uma concepção de que se trata de uma carreira que dará poucos frutos lucrativos, que é uma escolha fadada à pobreza e o status de superstar é atribuído a poucos<sup>30</sup>.

Embora a arte invoque muita atenção para o lado passional explicita nas obras artísticas, existe lado racional nos “bastidores” das pessoas envolvidas na área. Assim como diversos outros empregos, há remunerações, busca pelo sucesso e reconhecimento, aspiração pela ascensão. Atualmente temos fácil acesso a informações, podemos ter ciência do real valor financeiro que cada pessoa recebe através de pesquisas na internet, em conversas, jornais, registros em órgãos públicos. E diante disso, sabemos que artistas plásticos tendem a serem autônomos, o que implica em instabilidade, e na dependência de vendas. Esses dois itens anteriores por si só demonstram a dificuldade de se manter nessa carreira.

Entretanto, o tal senso comum de pobreza não está equivocado. Desde o nascimento da economia humana há inúmeros relatos das posses financeiras de diversos artistas, comprovando a baixa renda em relação as outras serventias<sup>31</sup>.

---

<sup>30</sup> GREFEE, Xavier. Arte e Mercado. São Paulo. Editora Iluminuras. 2013 p.114-118

<sup>31</sup> Ibid

Aqueles que tiveram sucesso, fama e conseqüentemente muito dinheiro, conseguiram esse patamar graças ao empenho de outras pessoas como marchands, apadrinhamento de elites, ótima publicidade pessoal. Criar obras é apenas parte do impulso para o rumo do sucesso almejado.

Pode ser desanimador para qualquer artista perceber que seus esforços criativos não são suficientes. A realidade é que precisam saber cativar as pessoas certas, trabalhar na própria imagem, saber se promover. As redes sociais ajudam muito nesse aspecto, mas não fogem muito de tal fórmula.

Quanto ao Banksy, podemos dizer que ele é um artista que tenta controlar seu próprio destino. Além de definir onde quer expor suas obras, mesmo que sujeitas ao apagamento e diversas outras conseqüências, ele tem uma boa equipe, Pest Control, que cuida de seus deveres burocráticos sem expor sua identidade. A impressão é que graças ao anonimato, as pessoas não focam em sua personalidade e inserem a atenção nas obras que ele cria. E faz com que marchands não interfiram no seu processo criativo, muito menos demandando arte sob medida. Banksy se sujeita ao mercado da arte até determinado ponto, pois precisamos lembrar que ele também é um civil que tem contas a pagar.

Banksy virou artista de marca? Uma das razões de muitos desprezarem o trabalho dele é essa crença de que ele se alinhou ao mercado da arte, mesmo com todas as críticas dele feitas ao sistema. Um dos princípios de graffiti é justamente a rebeldia e como ser rebelde se tem uma elite adquirindo as suas obras por milhões?

Aliás, o que significa ser artista de marca? Uma explicação encontrada em O Tubarão de 12 Milhões de Dólares, na página 21 e 22, sugere o seguinte: “A marca é o resultado final das experiências que uma empresa desenvolve com seus clientes e com a mídia durante um longo período – e de um trabalho inteligente de marketing e relações públicas que ajuda a desenvolver e consolidar essas experiências. Quando se consegue transformar um produto em marca, adquire um valor monetário adicional, a chamada *brand equity*, que é a diferença de preço que as pessoas se dispõem a pagar pelo artigo de marca em vez de um produto genérico similar”. E esse modelo se ajustou e aplicou bem ao sistema de leilões, a qual pode educar um artista para que ele se encaixe em alguns termos afim de se tornar uma marca reconhecida.

Chega a ser irônico que Banksy critique tanto o mercado da arte mesmo estando profundamente inserido nele. Mas se analisarmos mais a fundo, é natural tais críticas e reclamações. Há uma concepção comum de que quem está no topo de determinada carreira profissional, não tem o direito de reclamar pois está sendo beneficiado, inspira ingratidão e que cabe apenas aos injustiçados a capacidade de julgamento.

A criatividade não é facilmente comercializável. Sabemos que na história da arte ela teve influência em praticamente todas as fases artísticas e atualmente estamos em era contemporânea. E somos cercados pela arte de todas as maneiras possíveis, vendo a presença dela constante no entretenimento, cotidiano, estudos, trabalhos etc. Ao mesmo tempo que é totalmente acessível para um cidadão qualquer consumir obras diretamente com um artista, ainda assim é difícil realizar vendas. A concorrência entre os artistas cresce cada vez mais pela quantidade de pessoas inseridas na profissão e ter um diferencial se tornou desafio<sup>32</sup>. E em leilão ainda se mantém uma das áreas mais árduas de se inserir.

Embora exista diversos tipos de leilões, duas casas leiloeiras tradicionais mantêm a barreira elitista e dominam a área: Christie's e Sotheby's. Operam mediante a garantia de que haverá compradores dispostos a gastarem enormes quantias de dinheiro. E mais, não basta apenas ter dinheiro, é necessário haver confiança, prestígio, status. Exclusividade é um dos pilares. Vistos como evento, leilões também recebem muitas pessoas que apenas querem serem notadas, demonstrarem a sua posição social. A arte ali é considerada mais como item simbólico do que necessariamente a causa central do evento.

No geral os colecionadores não se importam com o conteúdo da obra, chegam até desgostarem do que adquirem, mas compram por status, demonstração de poder, investimento, exibicionismo. A preocupação em manter um quadro em perfeitas condições não é necessariamente por conta de patrimônio cultural, mas sabem que precisam disso para terem mais sorte com a revenda. Para muitos deles, leilão é um jogo social que envolve muito dinheiro. A adrenalina de bater recordes nos lances muitas vezes move o comprador mais do que de fato ter determinada obra de arte para si.

---

<sup>32</sup> GREFEE, Xavier. Arte e Mercado. São Paulo. Editora Iluminuras. 2013 p. 112

Podemos definir tal adrenalina como experiência do cliente. Aliás, todo o empenho de criar leilões gira em torno de proporcionar ao comprador a sensação de que não está apenas levando uma obra de arte, como também está obtendo algo raríssimo, exclusividade, emoções que quase ninguém mais vai ter. Uma obra de Picasso na sua sala? Todo mundo vai reconhecer, vão ficar deslumbrados. Isso vai validar seu poder aquisitivo, seu bom gosto, a admiração dos outros.<sup>33</sup> Vai emprestar essa obra para museus? Vão elogiar seu ato de compartilhamento, afinal não se deve privá-los de tamanha preciosidade. Cansou da obra? Aguarde alguns anos para revender, capaz até de ganhar mais dinheiro do que gastou<sup>34</sup>. As possibilidades são variadas e todas oferecem atrativos. Também há a sensação de pertencimento a algo grandioso, afinal... São tratados como alguém especial. O ego pode ser protagonista de todos esses eventos, tanto do comprador, quanto do marchand, do leiloeiro, do artista.

Um exemplo claro da imposição é o funcionamento de leilões, onde definem altos valores por determinadas obras criadas por uma lista restrita de artistas. Por trás de todo quadro sendo vendido a lances astronômicos, há um marchand que se esforçou para fazer uma forte publicidade, ele saberá quais quadros podem agradar os clientes e trabalhará para que haja sucesso de venda. O propósito de apenas apreciar a arte fica em segundo plano. Um artista que se mantém em evidência por décadas é uma alternativa lucrativa para leilões, pois assim poderá ser mais fácil efetuar a revenda de uma obra já que provavelmente vai persistir o interesse de colecionadores no artista.

Embora o princípio seja o mesmo para todas as artes, há uma diferença de tratamento para cada quadro dependendo do seu movimento artístico. Muitos dos clássicos, como renascentistas, são escassos em leilões pelo seu nível histórico, sendo mais destinados aos museus. Encontrá-los à venda significa que provavelmente o valor será altíssimo e haverá forte concorrência, pois sabe-se que a criação delas remetem ao passado e esse fator temporal não tem como se reproduzir. Esse é um dos motivos. Não é preciso muito esforço para convencer o cliente de que

---

<sup>33</sup> MOULIN, Raymonde. O Mercado da Arte: mundialização e novas tecnologias. 1ª edição. Porto Alegre. Editora Zouk. 2007. P.353

<sup>34</sup> Ibdí p.361

se trata de algo importante. Caso Monalisa estiver a venda, é capaz que ela valha bilhões de dólares e provavelmente alguém estaria disposto a pagar o preço.

Conforme a idade dos quadros se aproximam aos dias atuais, varia-se bastante sua importância monetária, pois os gostos dos compradores e as estratégias de marchands podem mudar em um curto período. Não há como prever totalmente o mercado da arte. Embora obras de artistas icônicos como Picasso, Van Gogh, Frida, Salvador Dali tenham mais chances de ter sucesso em leilões, nem todos os seus trabalhos valem dinheiro. As apostas são feitas pensando no quanto o investimento vai render no futuro.

Quando Banksy picotou um quadro em leilão, ele contribuiu para essa experiência do cliente. Aqueles que estavam na sala durante o ato ficaram exaltados, pois não esperavam aquilo. Normalmente estão tão envolvidos no processo de dar lances, de ouvirem alguém falando de preços, de apenas visualizarem tantas obras que não estiveram de fato participando da arte. Uma intervenção artística os lembrou disso. Deu outra dimensão a aquele leilão e assim puderam afirmar que fizeram parte da história da arte.

A arte contemporânea tem sido muito apoiada por leilões, galerias, museus. É a chance de conseguir controlar de alguma maneira o que será marcante na história da arte ou não. Porém, não é uma tarefa fácil. A quantidade de artistas tentando ter algum sucesso são grandes, sendo que a cada mil, cerca de dez terão destaque e apenas um ficará marcado na memória.

Na mídia mais ampla encontramos muitas notícias referentes aos preços recordes quando se trata de leilão. Há quase nenhum ou pouco destaque referente a obra em si, não há uma explicação aprofundada, não conta sobre a obra e o artista. Isso não colabora com a boa impressão que as pessoas teriam em relação a monetização da arte. Muitas vezes há até desmerecimento em relação as obras. E Banksy consegue quebrar esses costumes midiáticos, fazendo com que notem a sua arte e ele não quer que suas obras sejam restritas a uma elite.

O artista encontrou diversos modos de monetizar seu trabalho, incluindo o gerenciamento de um hotel exclusivo<sup>35</sup>, por qual motivo ele não teria algum trabalho

---

<sup>35</sup> <https://walledoffhotel.com/>

em leilões? Seria banal ter uma equipe como Pest Control para fins de autenticação se não houvesse como um dos propósitos a vendas em leilões. Não há desonra em se interessar, como artista, em vendas milionárias de suas próprias obras.

Na história da arte há diversos artistas que foram moldados pelo mercado para que se tornassem lucrativos. Não devemos olhá-los exclusivamente como produtos, pois por mais que estivessem envolvidos nesse sistema de vendas, deixaram suas marcas na história. E também damos admiração a todos aqueles que tiveram seus talentos reconhecidos após a morte e isso se tornou um dos parâmetros para compararmos aos outros artistas que vieram após eles.

Existe a fabricação de artistas estrelas. Nesse meio também há patronos em pessoas dispostas a se dedicarem totalmente a arte, desde que se ajustem e levem em consideração as dicas de marchands, por exemplo. A venda de uma obra começa antes mesmo de ir a leilão. Há prospecção de compradores, divulgação de histórias, feiras expositoras, desenvolvimento de marcas. Todos os artistas possuem rankings de seus próprios portfólios, que não são definidos por eles, mas pelos profissionais da área. O processo é longo, mas possivelmente recompensador no final.

Habilidade é uma das palavras mágicas quando se pensa em trabalhos artísticos. Criou-se a ideia de que é necessário ter um dom para fazer boas obras de arte, que ela precisa ser agradável a todos. Também acabam buscando pela validação física da arte, esperam que haja uma concretização para afirmarem seus anseios. Um artista deve apenas ter a capacidade de criação? Não poderia ele ser capaz de ser um ótimo publicitário em entretenimento próprio? Não há bons olhos para aqueles que optam por se tornarem produtos e terem bons retorno financeiro?

Devemos levar em consideração as mudanças que a sociedade enfrentou ao longo dos séculos e refletir a respeito do presente. A arte se reinventou de tantas formas e com ela os artistas também se transformaram. Estamos numa era em que as pessoas possuem fácil acesso à informação, os estudos estão cada vez mais amplos, profundos, alcançáveis. Munidos disso, os alunos de arte conseguem abrir suas mentes a inúmeras possibilidades de desenvolverem suas habilidades, seja artística ou qualquer outra que quiserem. E há o fato de o artista ter mais poder de escolha a respeito do caminho que deseja traçar em sua carreira profissional.

Banksy não se limitou apenas ao grafitti nas ruas. Ele não quis ser conhecido por apenas seus conterrâneos. Ele conseguiu mesclar vários elementos como o anonimato, obras polêmicas, leilões, documentários, hotel, simbolismos, intervenções, redes sociais e tornou seu legado único. Conseguiu se desenvolver na sua própria arte e a interligou em outros meios além do artístico para consolidá-la de uma maneira que não será facilmente esquecida. Conseguiu ter o sucesso de ser reconhecido mundialmente e isso é muito mais mérito de sua sagacidade do que de terceiros. Embora hoje em dia esteja aliado a leilões, por exemplo, isso não o torna menos artista por se interessar pelos altos lucros que esse mercado fornece. Não invalida todo seu esforço para propagar suas mensagens. Banksy é uma das provas de que a arte está expandindo seus limites.

## Referências

**BANKSY.** Banksy, 2021. Site oficial do artista. Disponível em: <https://www.banksy.co.uk/>. Acesso em: 30 ago. 2021.

**PEST CONTROL.** Pest Control, 2021. Site oficial dos guardiões legais de Banksy. Disponível em: <https://pestcontroloffice.com/>. Acesso em: 11 mai. 2021.

**BANKSY ocupa New York.** Direção de Chris Moukarbels. EUA. HBO, 2014. Documentário (79 min)

**EXIT Through the Gift Shop.** Direção de Banksy. Reino Unido. Paranoid Pictures, 2010. Documentário (87 min)

GREFEE, Xavier. **Arte e Mercado.** São Paulo. Editora Iluminuras. 2013

MOULIN, Raymonde. **O Mercado da Arte:** mundialização e novas tecnologias. 1ª edição. Porto Alegre. Editora Zouk. 2007.

**O Valor da Obra de Arte.** São Paulo. Editora Metalivros. 2014.

THOMPSON, Don. **O Tubarão de 12 Milhões de Dólares.** São Paulo. Editora B é i. 2012

Banksy. **Wall and Piece.** United Kingdom. Editora Random House. 2007.